

» O invisível, ainda que não se veja, sempre presente!: *Esquecer* não anula nem faz desaparecer

*Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos*¹.
Antoine de Saint Exupéry, *O pequeno príncipe*

Não duvido que Heinrich Racker, em 1948, e Paula Heimann, em 1950 – que descobriram o sentimento de contratransferência –, estariam de acordo com o autor de *O pequeno príncipe* (de Saint Exupéry, 1943/1951); teriam somente acrescentado que é necessário uma mente que possa percebê-lo.

Quando esquecer é vivenciado como desaparecer, o que opera é o pensamento mágico ou, mais precisamente, o mecanismo de *supressão* [*Unterdrückung*] (Freud, 1905/1975c) decidido voluntariamente e que fica como pensamento pré-consciente, equivalente a decidir esconder(-se) uma lembrança, um saber algo que o sujeito sente que é “melhor não lembrar”. Muito diferente é *reprimir* uma lembrança, pois o reprimido permanece inconsciente. O primeiro processo –voluntário–, quando se mantém por muito tempo, funciona como um auto e hetero-engano sustentados e capazes de consciência espontânea em qualquer oportunidade associativa.

É conveniente diferenciar o desaparecimento de uma lembrança da consciência, seja por decisão consciente –*supressão*–, seja reprimida por ser intolerável –*repressão*–, de uma terceira possibilidade, apa-

rentada com ambas as anteriores, que pode ocorrer a partir do sujeito associado a razões imperativas por “terrorismo social ideológico”. Esta condição que pode levar a *reprimir* ou *suprimir* uma lembrança que, em circunstâncias assim, “se olha, mas não se vê”, “se ouve, mas não se escuta” e também não é lembrada para ser contada a outros. Situação própria de épocas ou lugares nos quais está proibido pensar e se manifestar com liberdade, onde só o fato de pensar contra a corrente imperante é considerado um delito.

Na época da pós-ditadura na Argentina, um paciente comentava que cada vez que passava por uma delegacia de polícia, sentia que ficava tenso e que girava a cabeça para o lado oposto da mesma, como se escondesse seu rosto, ainda que fosse somente por ter conspirado com seus pensamentos. Eu, como cidadão protagonista desta época da ditadura, poderia contar minhas várias fantasias persecutórias a partir de um indício mínimo que em outra época não teria sido considerado como tal.

Certos pensamentos ou imaginações, na religião católica, são sentenciados como pecados, para os que se deve buscar o per-

ção de Deus mediante confissão. Daí que os crentes são convidados ou coagidos a não ter esses pensamentos, ainda que seja difícil ou impossível consegui-lo. Por ocasião do Congresso da Fepal 2016, em Cartagena das Índias, depois de visitar o Museu da Inquisição e ver seus instrumentos de tortura, eu pensava que, há trezentos anos, seria muito arriscado, e até impossível, pensar com liberdade a realidade circundante e ter deduções próprias, pois seria sentido como rebelião, motivo pelo qual, para evitar ser torturados, muitos suprimiriam ou reprimiriam seu sentir e imaginar.

E o que há disso nas sociedades psicanalíticas?

Não conheço um estudo sério sobre o assunto, mas pude observar que há correntes internas, mais ou menos numerosas, nas que circula um pensamento hegemônico que, quando é manejado dogmaticamente, leva a dissociações tramitadas em grupinhos, e algumas terminam em ruptura institucional.

Um esquecimento bastante comum, não por ser intolerável, mas porque não deixa rastros transcendentais, corresponde à memória de curto prazo, pois se percebe que não terá muita vigência.

Recentes protestos ocorridos na Argentina pelo confinamento domiciliar obrigatório, e também protestos que tiveram lugar na Alemanha e outros países, aconteceram como uma tentativa de oposição a estas medidas, com o lema de que “Há um vírus, mas não há pandemia”. Essas afirmações se transformaram em uma liderança ideológica que colonizou a mente e dirigiu a conduta dos manifestantes. Rumores críticos, opositores à política sanitária de confinamento social, foram crescendo e se transformaram em ação política de protesto em manifestações de rua. É de se supor que, além da intenção política, nestes manifestantes houve uma franca *recusa* da realidade (Freud, 1938/1975a), devido a uma percepção repudiada por ser intolerável, instalada no lema “Há vírus, mas não há pandemia”.

Quando uma pessoa atua amalgamada em uma massa, funciona inibindo sua possibilidade de operar de acordo com

suas próprias convicções, com sua habitual identidade (Freud, 1921/1975b). Colocada em situação de sentir e de atuar massivamente, age como uma parte componente de um todo: a massa. Sua racionalidade dá passagem à sugestibilidade coletiva promovida por contágio, não viral, mas emocional: com a convicção posta em ato – de que *todos somos uma unidade indivisível* – promovida seja por um líder influente, seja por uma ideia líder adotada grupalmente, como por exemplo, quando um manifestante decidiu atear fogo a sua máscara cirúrgica, e imediatamente muitos outros o imitaram. Nesses atos massivos não se distingue o *ego* do *não ego*, produz-se um efeito de imitação, posto em atividade pelos neurônios espelho (Rizzolatti, Fadiga, Fogassi e Gallese, 2002; Ferrari, Rozzi e Fogassi, 2005; Ferrari, 8 de setembro de 2006). O contágio é um efeito de sugestão, uma espécie de hipnose coletiva. Quem é o hipnotizador? Uma pessoa ou uma ideia líder, que nesse momento coloniza e ocupa o ideal de ego de cada integrante da massa. Todos sentem, pensam e fazem o mesmo, como disparados por um mandato comum e sem atitude reflexiva. Aquele que não opera assim se vivencia como herege, passível de ser repudiado e até castigado. Quando o líder é uma pessoa, é o “caudilho” ou o “pai da horda primitiva”, ou, simplesmente um pai que dá ordens enérgicas a seus filhos. É interessante a etimologia de *caudilho*, do latim: *caput - itis*: “cabeça”, no sentido de encabeçar uma manifestação coletiva.

Há diferentes maneiras de *esquecer-desaparecer*, dependendo do processo psíquico em jogo. Na neurose obsessiva, um de seus mecanismos de defesa é a *anulação retroativa*; com ela se busca de forma compulsiva apagar da mente uma lembrança, para o que se recorre a gesticular, pensar, imaginar pensamentos ou atos opostos, com a intenção mágica de se opor e anular uma lembrança atormentadora. Nem sempre se tem êxito nessa operação, que é tanto mais difícil quanto mais for preciso se opor com um pensamento oposto.

Uma paciente de 55 anos dizia que ela era tão limpa que poderia usar como prato de comida o chão do banheiro, apoiar sua

* Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires. Sociedad Psicoanalítica de México.

1. N. do T.: Tradução de: Barbosa, M. A tradução da citação corresponde à página 21 de: Saint-Exupéry, A. (2000). *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Agir. (Trabalho original publicado em 1943). Versão digitalizada recuperada em: <http://www.cirac.org/Príncipe/Ch21-pt.htm>

refeição sobre o mesmo e comer, de tão limpo que estava esse chão que ela limpava. O reprimido ressaltava por onde ela comeria, e no contato permanente com o sujo, em seus atos de limpeza permanente.

Dos relatos históricos se diz, e com justiça, que “a história é escrita por quem vence”. Para isso se recorre à censura, na qual o espaço do não relatado substituiria a rasura de escritos censurados. Poderia se conceber isso como recusa da realidade? Depende de como é gerado. Assim seria, se quem escreve uma história com lacunas o faz inconscientemente, como mecanismo de repressão. Ao contrário, se o fizesse voluntariamente, seria uma censura consciente, por *supressão*. Ainda que o suprimido não apareça no texto, na mente do historiador permanece pré-consciente. Isso pode ser concebido como mentira, ocultação para si mesmo e para os demais.

Nesta época de pandemia, existe, com pouca, alguma ou com muita frequência, uma tendência a *suprimir* –inclusive na população mais responsável–, a fantasiar que se vai sair de casa para fazer um trâmite, até que se tome –ou não– consciência do risco que isso significa.

Este mecanismo mental –*esquecer-de-saparecer*– algumas vezes está vinculado a uma fantasia onipotente do pensamento, e em outras a uma necessidade de esquecer algo, *não muito transcendente*, para dar lugar ao novo.

REFERÊNCIAS

- Ferrari, P. [sgofernandez] (8 de setembro de 2006). *Otro experimento de Pier Ferrari* [archivo de video]. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=_far11Xfz44
- Ferrari, P., Rozzi, S. e Fogassi, L. (2005). Mirror neurons responding to observation of actions made with tools in monkey ventral premotor cortex. National Library of Medicine. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15811234/>
- Freud, S. (1975a). La escisión del yo en el proceso defensivo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23, pp. 273-278). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1938).
- Freud, S. (1975b). Psicología de las masas y análisis del yo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18, pp. 63-126). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1975c). Tres ensayos de teoría sexual. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7, pp. 109-210). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Heimann, P. (1950). On counter-transference. *International Journal of Psychoanalysis*, 31, 81-84.
- Laplanche, J.-B. e Pontalis, J. (1993). *Diccionario de psicoanálisis* (pp. 363-365). Barcelona: Labor.
- Racker, H. (1966). La neurosis de contratransferencia. Em H. Racker, *Estudios sobre técnica psicoanalítica* (pp. 182-221). México: Paidós. (Trabalho original publicado em 1948).
- Rizzolatti, G., Fadiga, L., Fogassi, L., e Gallese, V. (2002). From mirror neurons to imitation: Facts and speculations. Em A. N. Meltzoff e W. Prinz (ed.), *Cambridge studies in cognitive perceptual development. The imitative mind: Development, evolution, and brain bases* (pp. 247-266). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511489969.015>
- Saint-Exupéry de, A. (1951). *El principito*. Buenos Aires: Emecé. (Trabalho original publicado em 1943).

Calibán -
RLP, 18(2),
125-127
2020

»

Eduardo de São Thiago Martins*

O direito de esquecer

No fundo, o que os homens desejam unicamente em relação aos mortos é esquecê-los.
Rachel de Queiroz, 9 de novembro de 2002

Sob a lona do circo, ao longo de dez minutos que pareceriam horas, imperava o silêncio, exceto pela respiração amplificada da equilibrista que, no centro do picadeiro, dava forma a um grande móbil composto por treze varas de folhas de palmeiras, de diversos tamanhos, que iam sendo pinçadas com os pés e apoiadas perfeitamente, umas às outras, sobre a cabeça da artista.

O público prendia a respiração. Era como se um espirro, um pigarreio, um suspiro ou um sussurro pudessem mover o ar de tal forma que a obra, delicadamente construída, viria abaixo. A mim, o objeto que dançava sob os holofotes parecia o esqueleto de uma grande baleia, flutuando num espaço de baixa gravidade.

Eu assistia àquele espetáculo – no qual os números circenses se passavam por todos os lados – imobilizado por uma órtese que me protegia dos efeitos de um traumatismo crânio-cervical que eu havia sofrido semanas antes. A vida era delicada, o corpo frágil, e eu tinha tido muita sorte. A “cabeça dura” – como tanto repetiriam os médicos – deixara uma marca no pilar de concreto, que optei por não disfarçar. O tombo do-

méstico – que só não foi mais risível por ter sido grave – tinha-me feito cair em mim de um modo nunca antes experimentado.

Nos primeiros meses depois do acidente, eu passava por aquela marca com enorme reverência. Muitas vezes tocava-a gentilmente, numa espécie de saudação cúmplice, grata, lembrando-me de minha finitude e sentindo o prazer de ter continuado no jogo. Marquem: prazer sentido por conta de sua própria transitoriedade, não do trauma em si, que ainda me causava arrepios de lembrança, espécie desprazerosa de excitação.

A queda já completou três anos e a marca no pilar continua lá, para que cá eu possa seguir adiante com minhas cicatrizes; um lembrete, palavra graciosa de quando tomamos nota de algo, para podermos esquecer sem nos esquecer. Às vezes, percebo que meu olhar se volta à marca – hoje, bem menos investida – como o olhar de um escritor que busca um crânio deixado sobre a escrivaninha para ajudá-lo a vencer eventuais inibições que uma página em branco venha a despertar. A marca concreta se tornara símbolo.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

1. *Amaluna*, do Cirque du Soleil.